

O Brejal dos Guarás

GERALDO FORBES

No Brasil, não há lobos, no sentido literal do termo. Temos apenas os guarás, uma espécie subdesenvolvida de seus primos do hemisfério norte. Os guarás, os do reino animal, estão hoje, infelizmente, ameaçados de extinção e tornam-se mais e mais raros.

Já os guarás do reino político, e também infelizmente, resistem aos tempos modernos e sobrevivem, embora minoria, sustentados por sua incrível voracidade. É uma espécie zoológica daninha e que tem nos causado, ao longo dos anos, incontáveis prejuízos.

Seu habitat estende-se por todo o território nacional, mas ultimamente o Maranhão tem se destacado pela grande produção desses canídeos. Deu o Zé Reinaldo, ministro dos Transportes, lobo da Marinha Mercante, deu o senador Edson Lobão, musicista de primeira, e deu, sobretudo, o *lupus hominis brasiliensis*, José Ribamar Sarney, poeta e presidente, nas vagas e nas horas idem.

O homem vem se superando. Com o País na escuridão das trevas econômicas e políticas criadas pelo seu gover-

no, o dr. Sarney aproveita para explorar seu lado transformista. Brinca de terror negro, invoca o sobrenatural, vira lobisomem.

A cada semana que se passa, Sua Excelência vai arrastando o jaquetão de manco, mostrando as garras e arre-ganhando os dentes. Nos bastidores desse teatro do absurdo operam o honestíssimo Saulo Ramos, no ponto e no vestiário, o íntegro e gentil Antonio Carlos Magalhães. E nosso lobisomem dispensa coronel. Tem nada menos que um general, também recentemente transmutado em jurista e, por cima, constitucionalista.

É verdade que qualquer um pode se arvorar em professor de leis, num país em que o consultor-geral é tido como jurisconsulto. O ministro do Exército, porém, exagera e confunde "acatar a Constituição". Com um "atacar a Constituinte". Um "pronunciamento" lamentável, no contexto da farsa grotesca e sinistra que ensaiam os guarás.

Para os que não estão entendendo mais nada do que se vê nas TVs e se lê nos jornais, diga-se, em seu benefício, que ninguém está entendendo nada e

que também não é para ninguém entender coisa alguma.

Os sucessivos discursos e conversas do sr. Sarney são confusos não só porque vêm de quem vêm, não só porque seu autor (ou ventríloquo) escorrega cada dia mais no terreno da confusão emocional e mental, mas, essencialmente, porque devem ser confusos. Não podem ser diferentes, pois não há razão que os ampare.

Sente-se voltar à comparação tão batida, contudo, na fábula, as razões do lobo sequioso de comer o carneiro eram também incompreensíveis, porque claramente infundadas e desonestas. A única lei a amparar seu plano predeterminado era a lei do mais forte. Como já o disse Esopo, muitos séculos atrás.

Assim, hoje e aqui, tudo é também muito simples e claro, dissipada a cortina de fumaça das palavras ocas. A realidade, debaixo da retórica confusa, é que o sr. Sarney e seu grupo, vendo-se rejeitados e na iminência de perder o poder, intentam abocanhar mais dois anos, de graça para eles e desgraça para nós, por um golpe de força.

O governo Sarney morreu, perdi-

dos os cinco anos que eram o seu único objetivo. Como explica Raymundo Faoro, na nova Revista do Instituto de Estudos Avançados da USP: "A política, cujo segredo é não ter política, é uma pobre e insustentável falácia, cuja astúcia está no ocultamento do jogo". E o mesmo Faoro, no último sábado, em uma excelente entrevista do W. Waack no *Jornal da Tarde*: "A política acabou. O que temos é o favorecimento, a intermediação, a corrupção. (O governo Sarney) hoje é um entulho, é uma ruína que precisa ser removida. Se não for pelo meio eleitoral, que Deus acuda o Brasil". A coluna faz suas estas palavras.

Acontece que o defunto recusa-se a deitar. Dizendo que "os outros" querem pôr fogo no País, vai tratando de incendiá-lo. Lobo mau, continua a montar seu jogo de cena. Envolve nele um ou outro porquinho prático, afeito aos dejetos da fisiologia, e tenta cooptar as Forças Armadas.

Os disfarces agora são tênues e até os carneiros mais tolos já vêem o risco que corremos. Se dá para interromper o golpe em marcha, só nós mesmos poderemos responder. Depende de nossa

força e nossa união na defesa da Constituinte e de suas decisões.

Nos próximos dias, a turbulência social vai aumentar com as greves causadas pela inflação descontrolada. O conflito político entre os lobazes e os constituintes também crescerá, dada a proximidade das votações decisivas sobre forma e prazo de governo. Dias críticos.

O nosso papel é vital para evitar o pior no desfecho desta arrastada tragédia. Temos de deixar a posição de espectadores-carneiros. Temos de ter a calma e a coragem do homem civilizado. Temos de dominar os guarás pela força das leis. Temos de afastá-los pelas eleições.

Não podemos retroceder e não devemos precipitar. Evitemos o brejo, busquemos terra firme. Está à vista. Ao alcance da mão e da inteligência. Vamos nos mobilizar e agir. Sustentar a chama da lei, que a vitória é nossa.

Golpe não, Constituição sim — é o brado da cidadania farta do mau cheiro desse cadáver insepulto.

Xô, guarás. Fora. Chega. Basta.